

XII Seminário Ócio e Contemporaneidade
POTENCIALIDADES DO ÓCIO PARA A RECRIAÇÃO DA VIDA:
DIÁLOGOS EM PSICOLOGIA

Fortaleza, 21 e 22 de Novembro de 2019

Anais do Evento

Mesa-redonda:

“Cultura, Arte e Símbolo: percursos e memórias nas narrativas de investigadores da Psicologia Junguiana em Fortaleza-CE”

Expositores:

Prof. Dra. Selene Mazza (UNICHRISTUS), Prof. Dr. Filipe Jesuíno (ElPsia/ANPEPP) e Prof. Dra. Maira Maia de Moura (UNIFOR)

Mediador:

Prof. Dr. José Clerton Martins (PPGP/UNIFOR)

Potencialidades do ócio para a recriação da vida: Diálogos em Psicologia

Maira Maia de Moura (UNIFOR)

A minha contribuição no evento formula reflexões sobre meu percurso como investigadora em Psicologia analítica e o trabalho que desenvolvo como pesquisadora vinculada à Linha de Pesquisa História e Educação Comparada (LHEC), no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (UFC) e como Professora do curso de graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza.

É um desafio fazer pesquisa no Brasil, estando no Ceará, considerando ser o eixo Sudeste o mais privilegiado em termos de aporte de recursos em bolsas de apoio e incentivo a pesquisadores, que tende a ser cada vez maior em face da atual política de desvalorização das artes e ciências pelo governo federal. Desafio maior que se afunila ainda mais, quando se trata de pesquisa em Psicologia Junguiana, haja vista, ter poucas iniciativas de pesquisa vinculados a essa temática nas mais diversas Faculdades, Centros Universitários e Universidades da cidade de Fortaleza.

Tal vertente da Psicologia tem como expoente maior, Carl Gustav Jung (1875-1961), que foi um importante psicólogo e psiquiatra suíço, criador da chamada “psicologia analítica”. Ele desenvolveu os conceitos de arquétipo, inconsciente coletivo e muitos outros, que dão as bases da sua psicologia simbólica. Como sabemos, o seu trabalho tem grande influência nas mais diversas áreas do conhecimento, dentre elas, literatura, cinema, psicologia, psiquiatria dentre outras.

Carl Gustav Jung entrou na minha vida através de livros que encontrava na biblioteca do meu pai, composta por um rico acervo de livros sobre diversos temas relacionados com mitos, símbolos, artes e culturas. Conheci ali a Psicologia Junguiana, li Jung e os pós junguianos antes de cursar Pedagogia e Psicologia, em nível de graduação. Quando já estava cursando Psicologia, e frequentando grupos de estudos em Psicologia Analítica, percebi que a abordagem tinha me escolhido. O que eu estudara nos livros e o que chegava a mim no debate universitário, encontrava ressonância interna na minha psicologia e vivência social de indivíduo, como herdeira de padrões arquetípicos advindos de nossas ancestralidades, formando conexões onde tudo parecia fazer sentido.

Segui meus estudos, em grupos de estudos, cursos de especialização, mestrado e doutorado, como também a prática clínica na Abordagem da Psicologia Analítica. Acumulei experiência docente como Professora do curso de graduação em Psicologia, na UNIFOR, onde estou desde 2011, sempre envolvida com a clínica, trabalhando com atendimentos e supervisão clínica.

No curso de graduação de Psicologia da UNIFOR comecei a lecionar em 2016 uma Disciplina Optativa – Tópicos Especiais em Psicologia - Introdução à Psicologia Analítica de Carl G. Jung, sendo que a mesma foi oferecida nos semestres de 2016. 2, 2017.1 e 2017.2 e 2018.2. Em 2019, entrou em rodízio de disciplina junto às outras disciplinas optativas do curso de graduação.

No ano de 2016, comecei a trabalhar com supervisão clínica em Psicologia Analítica, nas Turmas de Estágio de Processos clínicos e Intervenção em saúde. A supervisão clínica faz parte do tripé para formação e atuação do Psicólogo, que envolve a análise pessoal, grupos de estudo e supervisão clínica. Sobre essa problemática, aponta Jung (2013), em seu livro A Prática da Psicoterapia, que aquilo que não está claro para nós, psicoterapeutas, por não reconhecermos em nós mesmos, nos leva a dificultar que se torne consciente no paciente, naturalmente em detrimento do mesmo. A Supervisão é feita por um professor Psicólogo, na abordagem de escolha que tenha experiência Clínica;

nesse processo o estagiário do campo clínico de Psicologia adquire o apoio, o suporte em um ambiente acolhedor e de escuta empática, embasada por uma relação de confiança entre supervisor e estagiário de Psicologia, necessários para desenvolver o tratamento dos pacientes que estão acompanhando no estágio no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), localizado no Núcleo de Atendimento Médico Integrado (NAMI), da Universidade de Fortaleza.

Fizemos também alguns grupos de estudo em que trabalhei como coordenadora. Utilizamos metodologia discursiva, leituras de textos, reflexão e discussão dos textos. Como também discussão de filmes e documentários. Os grupos de estudo foram feitos nos semestres: 2016.2 - Grupo de Introdução à Psicologia Analítica. Facilitador Sidarta Cavalcante. Livro estudado: O Homem e seus símbolos do Jung; em 2017.2 – Grupo de Prática Clínica. Facilitadores Ana Priscilla Rocha, Felipe Nunes Silva e Maud Carioca Melo. Livro estudado: A prática da Psicoterapia de Carl G. Jung; em 2018. 2 – Grupo de Introdução a Psicologia Analítica – Livro estudado: O homem e seus símbolos do Jung. Facilitadores: André Gadelha e Felipe Dias; em 2019.1 – Grupo de Introdução a Psicologia Analítica. Facilitadores: André Gadelha e Gabriel Gondim. Livros estudados: O eu e o inconsciente de Jung e o mapa de Alma de Murray Stein; em 2019.1 – Grupo de Estudos: A prática Clínica, Facilitadores: Vanessa Gondim e Hugo Iglesias. Livro estudado: A Prática da Psicoterapia de Jung, O abuso de poder na Psicoterapia de Adolf Guggenbuhl-Craig; em 2019.2 - Grupo de Introdução a Psicologia Analítica. Facilitador André Gadelha e Gabriel Gondim e Felipe Dias; tivemos também Grupo de estudos de Interpretação dos Sonhos. Facilitadores Vanessa Gondim e Hugo Iglesias, Livros estudados: O Caminho dos Sonhos de Marie -Louise Von Franz, Ab-reação análise dos sonhos e transferência de Carl Gustav Jung, Seminário sobre análise de sonhos de Carl G. Jung e Seminário sobre sonhos de crianças de Carl G. Jung. Tivemos também o Grupo de estudos em Psicologia Analítica: Alma Brasileira, facilitado por Luís Cabral e Maria Liliânia Soares, onde foram estudados o livro de Roberto Gambini, Espelho Índio: A Formação da Alma Brasileira e contos e lendas do nordeste e do Ceará.

Desenvolvi inúmeras orientações de trabalho de conclusão de curso, tendo por base a Psicologia analítica, desde 2015. As pesquisas concluídas em 2015 foram: 1) Religião e o processo de envelhecimento, sob a ótica da psicologia Analítica, aluno: Harley P. Cavalcanti Albuquerque; 2) Diálogos entre os conceitos de Espaço Sagrado: Teoria da Restauração e Saúde, aluna: Telma Viana.

No ano de 2016, tivemos os trabalhos: 1) Cosplay: O que está por trás da Fantasia: Compreendendo a subjetividade do cosplayer, Aluna: Jessika Barreto; 2) Como as relações que permeiam a Pós modernidade Interferem na autenticidade do sujeito, Aluna: Maud Carioca; 3) A Influência da Espiritualidade no processo de Tratamento dos 12 passos da Dependência Química, Aluna: Mariana Saldanha; 4) O Papel da Psicologia Junguiana no Mundo Contemporâneo: Uma Perspectiva Sidartista, Aluno: Sidarta Cavalcante.

No ano de 2017, temos os trabalhos concluídos: 1) Uma análise Junguiana através da narrativa arquetípica do jogo Persona 3, Aluno: Emanuel Guilherme; 2) O Sagrado Feminino e a Relação das Mulheres com o Ciclo Menstrual. Aluna: Clarice Silva; 3) Saúde Mental e Espiritualidade: Interface com a Psicologia Analítica, Aluna: Mayra Ramos; 4) Raízes Histórico-Culturais na Compreensão Psicopatológica da Mediunidade: Desconstruindo a Visão Biomédica, Aluna Priscila Rocha.

No ano de 2018, temos as pesquisas: 1) Adoecimento Psíquico e Religião: Um olhar a luz da Psicologia. Aluna: Laurilane Brandão; 2) Os Chakras como sistema de consciência seu diálogo com a Psicologia Analítica, Aluno: Sarubbi da Costa; 3) RPG e os Entrelaçamentos Projetivos entre jogador e Personagem – A Alma que se Forja ao Brincar, Aluno: Erick Joseph.

No ano de 2019, concluímos a orientação dos trabalhos: 1) Dor crônica como expressão simbólica: Um movimento de auto regulação da psique. Aluna: Mayara Menezes 2) Medicalização e Processo de Cura: uma reflexão a partir da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Aluna: Alana Silveira; 3) Arte na Clínica: Perspectiva Junguiana, Aluna: Esmeralda Souza 4) A Arte na Clínica: Um Olhar da Psicologia Analítica, Aluna: Carla Dayana.

Ao lado da orientação de trabalhos de conclusão de curso, participei como professora examinadora de diversas bancas de trabalho de conclusão de curso da graduação em Psicologia, com a Temática da Psicologia Analítica.

Sobre minha atividade de pesquisa autoral, em Junho de 2019, conclui minha tese de Doutorado em Educação Brasileira, vinculado à Linha História e Educação Comparada (LHEC - UFC), à qual sou vinculada como pesquisadora; a mesma tem como título : As Relações entre Cognição e Afeto, Escola e Família na Sociabilidade e Aprendizagem de Adolescentes da Atualidade: Uma Análise à Luz da Pedagogia Terapêutica de João Dos Santos, sob orientação da Professora Dr. Patrícia Helena Carvalho Holanda, tomando por

base a psicologia terapêutica de um médico, psicanalista e pedagogo português. Para tanto, realizei estudo empírico de base qualitativa, junto a um grupo de adolescentes, familiares e educadores, por meio de entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo de falas, de onde são extraídas categorias temáticas que revelam a problemática de aprendizagem e sociabilidade característica da adolescência, como a fase da vida onde ocorre a definição da identidade social de sujeitos. Apresentei como resultados os dilemas e dificuldades próprios da adolescência nos dias atuais, caracterizada por certa ausência de horizontes de felicidade, em face de uma sociedade em que a educação da juventude se dá em descompasso com o futuro desejado, em meio a medos, desejos e frustrações. O trabalho investigativo demonstra a atualidade e adequação da pedagogia terapêutica desenvolvida por João dos Santos, como pressuposto e suporte conceitual para o entendimento da problemática estudada, por revelar procedimentos favoráveis à educação social de crianças e jovens, que têm na ação integrada e solidária da família, escola e sociedade o melhor caminho para uma abordagem pedagógica reparadora, sabendo que João dos Santos tem um viés Psicanalítico.

Durante o curso de Doutorado, fruto de uma viagem de estudo, escrevi um trabalho intitulado, Festa do Santo Antônio de Barbalha: Reflexões Sobre os Aspectos Míticos e Simbólicos da Festa do Pau da Bandeira, o qual me permitiu participar de eventos de pesquisa e debates; dentre os eventos estão: Ancestralidade Brasileira na UNIFOR, I Simpósio Patrimônio e Práticas Culturais – Festa de Santo Antônio de Barbalha na Escola de Saberes de Barbalha, estive também no evento do LABIRINTO. O referido artigo foi apresentado também e publicado nos anais do XVIII Congresso de História da Educação do Ceará, organizado pela LHEC-UFC, em Nova Russas, 2019.

Considerando ser o título de nossa mesa “Cultura, Arte e Símbolo, percursos e memórias narrativas de investigadores da psicologia Junguiana em Fortaleza -CE”, falarei um pouco mais sobre esse trabalho por ter conexão com nossa temática. Este artigo formulou reflexões para uma leitura da Festa de Santo Antônio de Barbalha, dentro de uma perspectiva mítica e simbólica. Dentre nossos objetivos está o de apresentarmos a Festa de Santo Antônio de Barbalha, com destaque para o carregamento de hasteamento do pau da bandeira, compreendendo suas questões míticas e simbólica do carregamento da árvore e, posteriormente, da procissão de forte simbolismo fálico, como emblema do sagrado e o profano, duas faces de uma mesma moeda que se unem no contexto de uma festa católica, que acontece em plena época da colheita e de ritualização

da fertilidade da terra. Fiz uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, com formulações de reflexões e a possibilidades de novas leituras da Festa de Santo Antônio de Barbalha em sua perspectiva mítica e simbólica. A psicologia Analítica, a História, a Sociologia, a Educação e o Cinema foram áreas que muito me auxiliaram nessa pesquisa, posto que a mesma tem caráter transdisciplinar e atravessa todas essas áreas.

Para Jung (1875 -1961), o símbolo é um sinal visível de uma realidade imaterial, invisível. Símbolo é um objeto percebido pelos sentidos, que aponta para algo enigmático, tendo um significado que não pode num primeiro contato ser apreendido totalmente. Mircea Eliade diz que “o símbolo revela certos aspectos da realidade os mais profundos que desafia qualquer outro meio de conhecimento” (1991, p.8). Os mitos são caminhos para a compreensão das potencialidades espirituais da vida humana, seria aquilo que somos capazes de experienciar interiormente, captando a mensagem do símbolo. Mitologia como dizia Campbell é o nome que damos a religião dos outros. (Campbell, 2012). Para fundamentar esse artigo utilizei autores de referência para a temática em questão, dentre eles temos: Carl Gustav Jung, Joseph Campbell, James Hilman, Mircea Eliade, Sir James George Frazer, M. Esther Harding, Verena Kast, Rosemberg Cariry, e outros, devidamente citados.

Por fim, os trabalhos que oriento atualmente e estão em andamento em 2019 e 2020 são: 1) A paixão de Maria de Araujo à luz da Psicologia Analítica; da Maria Liliânia Soares, que tem por objetivo investigar a experiência mística de Maria de Araújo – protagonista do famoso Milagre do Juazeiro - a partir da Psicologia Analítica de C.G.Jung; 2) Título: O que acontece quando os brasileiros dormem? Alunos: Luiz Cabral e Liliânia Soares. (Esse trabalho eu divido a orientação com o Professor Dr. Carlos Velazquez Rueda), tem como objetivo geral identificar e relacionar os sonhos dos brasileiros, no período de abril de 2008 a março de 2019 e descrever as relações existentes entre estes e certas emoções e símbolos que aparecerem nos mesmos, amparados pela teoria de Carl G. Jung. Com o decorrer das eleições em 2018 no Brasil, verificamos que houve tensionamentos psíquicos relativos às eleições. Neste cenário de eleições políticas, inspiramo-nos na pesquisa feita por Charlotte Beradt (2017), na Alemanha, que coletou sonhos dos alemães no contexto de ascensão do fascismo. A pesquisa visa um estudo qualitativo fundamentado num levantamento massivo de sonhos expressos na rede social Twitter, o que nos obriga ao tratamento quantitativo do material de base. Amparados pela teoria de Carl G. Jung, almejamos diagnosticar as construções psíquico-sociais

polarizantes e violentas que caracterizam o Brasil em sua conjuntura política atual, mediante a interpretação do material simbólico oriundo de sonhos de brasileiros no período de abril de 2018 à março de 2019.

Finalizo minha fala ressaltando a importância e contemporaneidade do pensamento de Jung para as questões complexas da atualidade, ressaltando o desafio que é fazer pesquisa no Brasil e no Ceará, mais especificamente na abordagem junguiana, onde os eixos de pesquisa e formação de analistas junguianos são no eixo Rio-São Paulo.

Não obstante, entendo que as nossas atividades de pesquisa e ensino evidenciam que é possível desenvolver essa área investigativa, sendo evidente o interesse crescente dos nossos alunos por questões relacionadas com a Psicologia Junguiana, que considera ser indissociável estabelecer conexões entre indivíduo e coletividade, individuação e processos sociais para uma abordagem mais ampla dos dilemas inscritos na psicologia humana, especialmente, na nossa época, em que valores e sociabilidades são devorados por uma crise civilizacional cujos desdobramentos envolvem o crescimento da violência, dos medos e dúvidas de identidade, diferenças morais e culturais, etc.

Para tanto, considero ser fundamental o diálogo transdisciplinar, no âmbito das pesquisas em Psicologia Analítica, haja visto que o próprio Jung bebia nas mais diversas fontes, dentre elas, filosofia, estudo comparado das religiões, psicanálise, alquimia, história dentre outros campos do saber.

Devorar Jung (e mais um bocado de gente)

Filipe Jesuíno (Faculdade Pitágoras)

Gostaria, antes de tudo, de agradecer pelo convite para participar deste evento ao lado das professoras Mayra e Selene, o que me é muito honroso. É uma satisfação muito grande que tenha sido o professor Clerton Martins a fazê-lo, pois se trata de uma pessoa com quem tive um recente feliz reencontro que nos lançou em compromissos de admiração, divergências e respeito mútuos. É com gratidão que acolho tudo isso. O professor me pediu que falasse de pesquisa em psicologia analítica e que representasse o Grupo de Trabalho de psicologia analítica na ANPEPP. De início, quis subverter completamente o pedido, mas, entre admiração, divergências e respeito, farei um pouco de cada. Exporei sumariamente o que ele me pediu e, também, o meu pensamento que subverte o pedido.

Início o percurso anunciado assinalando que hoje em dia é, felizmente, de conhecimento geral a admissão de que o empenho de Nise da Silveira, em meados da década de 1940, ao assumir o setor de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação no hospital Pedro II no Rio de Janeiro, é marco fundante da pesquisa em Psicologia Analítica no Brasil. Nise encontrou nessa abordagem, ainda em gênese, um suporte, uma ferramenta, que lhe auxiliou a abrir horizontes de cuidado em saúde mental frente à tradicional psiquiatria manicomial que vigia em nossas terras.

Algum tempo depois, tivemos outros pioneiros – também vinculados à prática, desta vez clínica – que dedicaram esforços à sedimentação dessa psicologia por aqui, fundando as primeiras associações de estudos junguianos no Brasil, primeiramente em São Paulo e, em seguida, no RJ. Também ali surgiram, posteriormente, algumas das primeiras incursões da Psicologia Analítica no meio acadêmico-universitário, como na pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, seguida pela do Rio de Janeiro, e na Especialização em Teoria e Prática junguiana na Universidade Veiga de Almeida¹, de Niterói/RJ.

As universidades públicas assumiram mais tardiamente, embora de forma decisiva, um compromisso formal com a pesquisa em Psicologia Analítica. Em 2013, Walter Melo Junior, que já vinha se dedicando ao trabalho com a Psicologia Analítica no Núcleo de Ensino, Pesquisa e Intervenção em Saúde da Universidade Federal de São João del-Rei fundou uma linha de pesquisa dedicada ao tema dentro do programa de mestrado. Esse primeiro passo deu suporte um evento acadêmico que pôde reunir pesquisadores de outros estados que já vinham trabalhando, dispersos uns dos outros, com a psicologia analítica em programas de pesquisa os mais variados. O evento foi loco de consolidação da proposta de um Grupo de Trabalho na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). A concretização desse projeto só veio à luz após a segunda edição do evento, que ocorreu em 2015. Esse feito, de certa forma, estabeleceu um monumento histórico: inscreveu a investigação junguiana, pela primeira vez, como um projeto de pesquisa nacional no campo da Psicologia.

O grupo que subscreveu a proposta inicial era composto por catorze integrantes, coordenados pelo prof. Walter, que tinha como vice (coordenador) o professor Nilton

¹As informações dos dois primeiros parágrafos foram extraídas, sobretudo, da nota produzida para a inscrição do primeiro GT de Psicologia Junguiana da ANPEPP, o EIPsiA (Epistemologia e Interfaces da Psicologia Analítica).

Sousa da Silva, vinculado ao programa de pós-graduação em Psicologia da UFRRJ, onde, já em 2012, fundara uma linha de pesquisa de Psicologia Analítica. Contava, ainda, com outros dez professores de programas de pós-graduação das regiões Sul e Sudeste, um pós-doutorando do RJ e eu, que era, naquele momento, o único doutorando do grupo e único nordestino. O evento, ocorreu em 2016, em Maceió, consolidou o grupo e deixou a promessa para que ele se perpetuasse e expandisse.

No ano de 2017, já doutor, eu só tinha uma meta de vida: sobreviver. Passei por muitos desafios pessoais enquanto se articulava o GT para 2018. Além disso, eu já não era doutorando, não fazia grandes investimentos na área acadêmica e me voltava cada vez mais para minha prática psicoterapêutica. Sair do grupo era a decisão clara, até eu constatar que era ainda o único nordestino no GT em expansão. Permaneci, embora soubesse que minha contribuição ativa seria pequena, ainda mais porque eu não iria a Brasília em julho seguinte, pois coincidiria com o nascimento de minha filha. Vi ingressarem no grupo, para minha alegria, o Prof. Pedro Adalberto, de Goiás, e a prof^a Selene Mazza, do Ceará, com quem ora divido a mesa. Essa integração oportunizou diversos diálogos, como quando a UNIFOR trouxe o Prof. Walter; a UNICHRISTUS, os professores Maddi Damian e Elizabeth Mello e a Pitágoras, o Professor Nilton Sousa para eventos acadêmicos.

Ao cabo do Simpósio de 2018, o grupo passou por uma ruptura. Terminado o relatório e com a coordenação reorientada para o professor Nilton Sousa, numerosos integrantes se afastaram e o grupo parecia esfacelado. O coordenador nos enviou uma nota ao grupo de *whatsapp*, informando que a proposta seguiria a linha geral acordada em Brasília e que o GT iria continuar. Menciono essa nota porque é dela que desenvolverei meu breve argumento nesta curta fala. Ao veicular, em vídeo, uma fala do Prof. Claudio Lorenzo, diretor do sindicato dos professores da UNB, que defendia o compromisso da IESs com o povo e a natureza brasileiros, com os problemas próprios de nosso país, de nosso convívio, em detrimento de uma pauta governamental ultraconservadora. O professor, com muita propriedade, cita Paulo Freire, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Nise da Silveira, dentre muitos outros importantes defensores dos problemas brasileiros como *problemas que clamam por respostas* e que, por isso, requerem compromisso.

O coordenador do GT escreveu que o vídeo ratificava o potencial “[...] dos conceitos junguianos serem aplicados à cultura brasileira, para melhor compreender a

narrativa do sujeito, a partir de seu contexto familiar e/ou comunitário, no desempenho das nossas atividades profissionais no campo da clínica e da psicologia social”. Emendou ao comentário um convite: quem quiser perseverar no GT, com esse compromisso, manifeste-se. E é exatamente aqui que manifesto a forma como compreendo essa proposta e por meio da qual reconheço, nela, um valor sobre o qual vale perseverar.

A forma como sou capaz de assumir e difundir essa proposta assume que partimos do contexto familiar e comunitário, e mais, do entendimento que nossa vida, em suas dimensões individual e coletiva, se assenta sobre valores que mal somos capazes de perceber e nomear. Alguns deles nos sustentam, outros nos consomem e nos deixam a viver cindidos, partidos ao meio. Em todas as suas qualidades, são valores que fazem parte da nossa vivência. Essa vida, como vivida culturalmente, é aquilo que acessamos quando encontramos outras pessoas, o que inclui o encontro produzido na prática profissional, mas não se reduz a ele.

Quero, portanto, destacar que nessa cultura brasileira, *nesse contexto simbólico familiar e comunitário, habitam os nossos problemas que clamam por respostas e, também, toda e qualquer demanda que façamos a uma disciplina psicológica*. A produção, a compreensão e a transformação das imagens culturais são anteriores às especialidades psicológicas, não suas subsidiárias. Não passam, porém, incólumes à Psicologia em sua acepção leiga e correm o risco de serem sequestrada por uma ciência importada que ameaça significar a experiência em seus próprios termos – termos que custa enxergar – e a substituir o concreto da experiência (a vida) pela teoria (ou por seus sucedâneos discursivos/interpretativos/ideológicos). Abrir mão da influência dessa ciência europeia seria fugir do problema, negando-o e, assim, ficando vulnerável a ele. A possibilidade de aplica-la para contribuir com nossa cultura, já rica e real, implica, para usar os termos de Vilém Flusser: “[...] abrir-se para tal influência, não para copiá-la, mas para assimilá-la” (FLUSSER, 1998): ANTROPOFAGIA!

Essa é a linha de reflexão que quero deixar aqui, seguindo a lógica do versículo sete do Evangelho Apócrifo de Tomé: “Bendito o leão comido pelo homem, porque o leão se torna homem! Maldito o homem comido pelo leão, porque esse homem se torna leão!”. Para isso, gostaria de contextualizar sucintamente, com Boaventura de Sousa Santos, o risco de ser devorado, e desenvolver a noção de antropofagia desde o simbolismo alquímico estudado por Jung e do *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade.

Boaventura (2013) argumenta que o pensamento moderno ocidental se move sobre um sistema de distinções visíveis alicerçadas em outras, invisíveis, estabelecendo uma linha abissal que isola dois sistemas de sociedade e sociabilidade. De um lado está o metropolitano, do colonizador, dominador, que toma para sua ciência o monopólio sobre o que é verdadeiro ou falso. Do outro, reside o sistema colonial, oprimido e invisibilizado, i.e., não considerado relevante ou compreensível e que, por isso, não é tomado como realidade. A linha entre eles é abissal porque não há possibilidade de se estar presente em ambos os lados da linha, mas os dois lados da linha admitem o abismo. A ciência moderna, como já referi, faz parte dessa construção e da manutenção desse corte entre o humano e o sub-humano, o verdadeiro e o falso, que vem atuando e se consolidando ao longo dos séculos como força político-econômica e epistemológica de uma dominação que se sustenta sobre a invalidação de vidas e modos de existir. Nem mesmo a teoria crítica foi capaz de transpor o abismo, mantendo-se na reflexão sobre os dramas metropolitanos.

Ao acessarmos a psicologia analítica sem considerar de onde ela parte – por mais que a estudemos e “dominemos” – arriscamo-nos a reforçar a linha abissal, ainda que Jung tenha vivido os dramas europeus de forma tão íntima e conscienciosa. Se *eles* são herdeiros diretos do império romano e dos povos ditos bárbaros de outrora, *nós* fazemos parte da vasta porção do mundo que, em algum momento, e talvez até hoje, foi colonizado por esses herdeiros. *Estamos do outro lado do abismo* e, se não encontramos como legitimar nossa visibilidade desde o lado de cá, arriscamos ser devorados pelo modo do lado de lá, que há de relegar nossos modos de pensar, nossos processos criativos de subjetivação e nossas dissociações neuróticas à condição de inverdade, de nada. Daí o auxílio que nos presta o pensamento contemporâneo de Boaventura de Sousa Santos. Em sua leitura, as epistemologias do sul (as do lado colonial) tem como uma de suas tarefas estabelecer como presente a subjetividade que as epistemologias do norte (o lado metropolitano) legaram como ausentes.

No rico simbolismo alquímico, em que Jung encontrou uma analogia especialmente rica para os processos de transformação psicológicos que podia acompanhar em sua prática clínica, encontramos um par de processos opostos que resume, para muitos iniciados, todo o *opus* alquímico: a dissolução e a coagulação. Em termos psicológicos a coagulação é o processo que torna algo consciente, localizado e particular a partir de um processo inconsciente anterior. A dissolução (*solutio*), por sua

vez, é o processo pelo qual o coagulado se desfaz – se liquefaz, desmembra ou desintegra – podendo, assim, (re)combinar-se com outros elementos e se transformar. Esse processo deriva do confronto da consciência, limitada, com algo maior que não pode, por isso, ser por ela absorvido, como o exprimem as imagens do dilúvio, do oceano e do caldeirão como agentes da *solutio*. É um confronto do eu com uma imagem do si-mesmo.

A teoria de Jung, surgida desde uma insuficiência dos conhecimentos metropolitanos prévios diante das demandas psíquicas de sua época, é uma coagulação de processos anímicos que extrapolam a teoria, mas são referidos e explicados por ela. A *teoria* de Jung pode ser uma *psicologia* lá, onde tem raízes que ele tanto se empenhou em explorar. Cá vivem nossos próprios processos, com suas respostas e conflitos particulares, seus saberes originais, que, em grande parte, são heranças de períodos muito anteriores ao nascimento de Jung e que não lhe afetaram a experiência.

Após seu voo transatlântico, a Psicologia Analítica chega aqui como uma coagulação desenraizada e, portanto, apequenada pela perda de seu fundamento experiencial. Pode, portanto, esbarrar com algo que é maior que ela: a nossa experiência *real*, mas apenas se conseguirmos nos libertar da rubrica da invisibilidade abissal, assumindo, por exemplo, o espírito antropofágico que “[...] recusa-se a conceber o espírito sem corpo”. (ANDRADE). Nesses termos, assim como o viajante que cai nas presas da Iara, a Psicologia Analítica pode ser devorada – dissolvida – em um processo muito laborioso, dada sua complexidade, mas que me parece necessário para realizar o que o convite ao GT propunha: contribuir para *contribuir* com processos de (inter)subjetivação já existentes.

A antropofagia, para Oswald de Andrade, era um caminho de restituição do ócio à experiência comum dos homens desde suas vivências, pois, se na Europa ele já fora tomado do povo pelos sacerdotes medievais, aqui ele foi negado pela colonização capitalista. A antropofagia propõe, assim, restituir a criatividade não pela negação do que é estrangeiro, mas pela dissolução digestiva do que a história conferiu aparência de eternamente coagulado, como podemos compreender com Deleuze. Essa eternização leva à morte do movimento e, com ela, à abolição da criatividade. O que resta é uma pura reflexão sobre o que já se é, ou a menos que isso, caso nos permitamos ser “importadores de consciência enlatada” (ANDRADE), circunstância em que a teoria toma o lugar da nossa imagem especular, alienando-nos de nossa própria face. Como esperar um dia

confrontar o si-mesmo se trabalharmos diligentemente em ocultá-lo por trás dos enlatados metropolitanos?

Oswald propunha se desprender do falso reflexo e se firmar na experiência comum para poder devorar esses coágulos eternos não ao modo de Djavan, mas “tal Caetano a Leonardo di Caprio” (DJAVAN). O mesmo Caetano que escreveu que este Brasil só conseguirá liberar (antropofagicamente) suas energias criativas “[...] se não se intimidar diante de si mesmo” (VELOSO, 2012, p. 59), se, para dizer de outra forma, reconhecer Guaraci e Jaci e, assim, dispensar a catequese. Precisamos, nós mesmos, lixar as paredes, criar nossas impossibilidades, para, então, sair em busca de resposta. (DELEUZE). Jung fez isso do seu lado do abismo.

Mas será que é possível fazer isso do lado de cá? Não é uma utopia? Bem... não. Existe no trabalho de Nise, centrado na realidade cultural e contextual de seus clientes do ateliê e que punha o pensamento de Jung ao lado de outros pensadores brasileiros de outras áreas. Acontece hoje quando o prof. Nilton Sousa assume a aventura de inaugurar uma turma de estágio em psicologia social instrumentada pela psicologia analítica. Está nos escritos recentes de Lygia Fuentes, Vivian Buck, Gil Ant^o Duque e na dissertação recém defendida de Bruno Correia Mota. Encontra-se nas trocas de experiências que suportam as discussões de nosso pequeno grupo de estudos nas segundas feiras, no qual aprendo muito com meus jovens e experientes colegas.

Referências

- Campbell, Joseph. (2012). *O Poder do Mito*. Palas Athenas.
- Eliade, Mircea. (1991). *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Jung, Carl Gustav. (2013). *A Prática da Psicoterapia*. Petrópolis: Vozes.
- Maíra, Maia de Moura (2019). *As relações entre cognição e afeto, escola e família na sociabilidade e aprendizagem de adolescentes da atualidade: uma análise à luz da pedagogia terapêutica de João dos Santos*. 172f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE).
- Moura, M. M.; Holanda, Patrícia H. C. (2019). *Festa do Santo Antônio de Barbalha: Reflexões Sobre os Aspectos Míticos e Simbólicos da Festa do Pau da Bandeira*. In: XVIII Congresso de História da Educação do Ceará-, 2019, Nova Russas. Anais do XVIII Congresso de História da Educação do Ceará. V. 1, 2019, Fortaleza: 2019. v. 1.

XII Seminário Ócio e Contemporaneidade
POTENCIALIDADES DO ÓCIO PARA A RECRIAÇÃO DA VIDA:
DIÁLOGOS EM PSICOLOGIA

Fortaleza, 21 e 22 de Novembro de 2019

Anais do Evento

Mesa-redonda:

“Diálogos entre Ócio e Análise do Comportamento”

Expositores:

Prof. Dra. Fabiana Neiva Veloso Brasileiro (OTIUM/LINAC/UNIFOR) e
Lívia Barrocas Silveira (UFC)

Mediador:

Prof. Ms. Gustavo Halley (OTIUM/PPGP-UNIFOR)

Introdução

Os estudos sobre ócio, no cariz humanista (Cuenca, 2016), em articulação com a análise do comportamento (Tourinho, 1999) são, ainda, inexistentes em bases de dados científicas. Sobreleva destacar que ambas as áreas do conhecimento apresentam epistemologias e teorias distintas. O ócio humanista assenta-se na Fenomenologia e na Psicologia Social (Maciel, Saraiva, & Martins, 2018), ao passo que a análise do comportamento ancora-se em três subáreas, a saber: behaviorismo radical (filosofia que embasa a ciência do comportamento), análise experimental do comportamento (visa à compreensão das relações funcionais entre as variáveis do comportamento, por meio do controle das condições experimentais, bem como da manipulação de variáveis independentes e da observação dos efeitos em variáveis dependentes) e análise aplicada do comportamento (a área de intervenção dos analistas do comportamento, calcada em práticas profissionais psicológicas, por exemplo: saúde pública, escolas e clínica) (Carvalho Neto, 2002). Não obstante tais disparidades, integrantes do Laboratório de Investigações em Análise do Comportamento (UNIFOR), têm estabelecidos diálogos

argutos entre ambas as áreas do conhecimento. Ao se debruçarem sobre essa tarefa hercúlea, os membros do LINAC encontraram indícios de possíveis aproximações entre o ócio humanista e a análise do comportamento. Tais interlocuções, no entanto, encontram-se em estágios seminiais. Sendo assim, os integrantes do LINAC são precursores nos diálogos do ócio humanista com a análise do comportamento no âmbito acadêmico.

Debate

Por que falar de ócio? Para responder a esse questionamento é preciso, inicialmente, saber o que se entende desse vocábulo. Em nível de senso comum, o ócio é, frequentemente, associado à vadiagem, à preguiça e à indolência, adquirindo conotação pejorativa. Tal fato persiste desde a Modernidade, pois os ideais mercantilistas passaram a balizar o laço social (Francileudo & Martins, 2016). No contexto da Academia, estudiosos (Cuenca, 2016; Maciel et al., 2018) consideram que, na verdade, o termo faz referência a um conceito que dialoga com as noções de liberdade percebida, experiência satisfatória e motivação intrínseca. Revisando a origem etimológica da palavra “ócio” – *skolé*, que na Grécia Antiga se referia às ocupações suaves e prazerosas capazes de guiar o cidadão a uma postura íntegra, sábia e digna da vida em sociedade – tais autores têm enfatizado que hoje este fenômeno subjetivo possibilita às pessoas um movimento de encontro consigo mesmas, numa contemporaneidade individualista e que visa à satisfação imediata. Quais seriam, então, as aproximações possíveis do ócio com a análise do comportamento?

Como bem destaca Horta (2004), a suscetibilidade a reforçadores imediatos pode selecionar práticas que não sejam benéficas à cultura, já que, em grande medida, representam contingências reforçadoras para o indivíduo, apenas. Em outras palavras, existem práticas culturais salutaras, ao passo que outras colocam em risco a sobrevivência da espécie. Conforme Dittrich (2008), sociedades maias, da Ilha de Páscoa e anasazi entraram em colapso. O autor, todavia, aponta exemplos de resistências, como, por exemplo, a população da Ilha Henderson, na Polinésia. Em meados de 1500, a população de Henderson viu-se impossibilitada de importar determinadas matérias-primas. Apesar disso, os habitantes da ilha desenvolveram práticas culturais que garantiram a sobrevivência da cultura por longas gerações. É preciso, enfatizar que cultura e práticas

culturais apresentam particularidades teóricas. Conforme Fernandes, Carrara e Zilio (2017), entende-se por cultura contingências sociais mantidas por integrantes de um grupo em contextos específicos, ao passo que práticas culturais se referem a padrões comportamentais de indivíduos – que fazem parte das contingências sociais.

Para os estudiosos do LINAC, o ócio pode ser uma classe de comportamentos envolvida na preservação da cultura. Os sujeitos, apropriados de si, podem contribuir para um futuro mais favorável, perpassado por valores como: felicidade, saúde, educação, conservação do meio ambiente, dentre outros. Ao final da mesa-redonda, os membros do LINAC enfatizaram serem os diálogos do ócio humanista com a análise do comportamento uma vereda, ainda, inexplorada pelo saber científico. Desse modo, articulações entre ambas as áreas são muito nebulosas, mas passíveis de exploração.

Considerações finais

As reflexões suscitadas pela mesa perpassaram, em grande medida, por aspectos éticos do sistema skinneriano, que considera a sobrevivência da cultura como valor primacial (Dittrich & Abib, 2004). Segundo os membros do LINAC, ao apropriarem-se de si, por meio de experiências de ócio, os sujeitos podem desenvolver práticas culturais mais benéficas, sobretudo na contextura atual – perpassada por valores como o individualismo e o utilitarismo (Cuenca, 2016; Lipovtsky, 2011; Skinner, 1971). Além disso, podem ter acesso à reforçadores pessoais, ao entrar em contato consigo, com suas subjetividades (Maciel et al., 2018), isto é, com o seu comportamento. Por essas razões, torna-se imprescindível que os analistas do comportamento planejem contingências para a manutenção e o estabelecimento de comportamentos de ócio, com o propósito de preservar práticas culturais benéficas. Como apontado por Dittrich e Abib (2004), os analistas do comportamento devem, constantemente, experimentar e revisar práticas culturais sem, contudo, se colocar em posição de superioridade em relação aos demais membros da sociedade. Na verdade, eles devem atuar como colaboradores e parceiros dos demais integrantes da comunidade, tendo por base os princípios da análise do comportamento (Dittrich, 2019).

Apesar de áreas distintas, o ócio humanista e a análise do comportamento guardam características que dizem respeito à sociedade e ao ser humano. É fundamental estudos se debruçarem sobre essa desafiadora temática, sem estabelecerem relações valorativas ou

enviesadas. Por conseguinte, novos debates devem ser incentivados e realizados, visando a produção de conhecimentos científicos, que se atenham a essa articulação teórica, tal como proposta no XII Seminário Ócio e Contemporaneidade e por membros do LINAC. Muito mais que respostas, a mesa-redonda “Diálogos entre ócio e análise do comportamento”, suscitou questionamentos. Como enfatizado por Dittrich (2019, p. 8), “(...) o simples fato de que perguntas relevantes tenham sido feitas pode ser tão importante quanto as eventuais respostas”. É, assim, que a ciência do comportamento caminha: sem considerar verdades eternas, pois nenhuma prática é imutável.

Referências

- Carvalho Neto, M.B de. (2002) Análise do comportamento: behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. *Interação em Psicologia*, 6(1), 13-18. doi: 10.5380/psi.v6i1.3188
- Cuenca, M. (2016). O ócio autotélico. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação – SESC*, (2), 10-29.
- Dittrich, A. (2019). James G. Holland: A Análise do Comportamento como Prática Política. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3526. doi: 10.1590/0102.3772e3526
- Dittrich, A., & Abib, J. A. D. (2004). O sistema ético skinneriano e conseqüências para a prática dos analistas do comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 427-433. doi: 10.1590/S0102-79722004000300014
- Fernandes, D. M., Carrara, K., Zilio, D. (2017) Apontamentos para uma definição comportamentalista de cultura. *Acta Comportamental*, 25(2), 265-280.
- Lipovetsky, G (2011). *A cultura-mundo: Resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Maciel, M. G., Saraiva, L. A. S., & Martins, J. C. de O. (2018). Semelhanças e especificidades entre os estudos do ócio e os estudos do lazer. *Revista Subjetividades*, 18(2), 13-25. doi: 10.5020/23590777.rs.v18i2.6745
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. New York: Pelican Books.
- Tourinho, E. Z. (1999). Estudos conceituais na análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 7(3), 213-222.

XII Seminário Ócio e Contemporaneidade
POTENCIALIDADES DO ÓCIO PARA A RECRIAÇÃO DA VIDA:
DIÁLOGOS EM PSICOLOGIA

Fortaleza, 21 e 22 de Novembro de 2019

Anais do Evento

Roda de Conversa:

“Psicologia do Envelhecimento e Ócio: a experiência de idosos frequentadores de
Centro Dia”

Expositores:

Profa. Ms. Paula Pamplona Costa Lima e idosos do Clube Viva

Mediador:

Prof. Ms. Gustavo Fonseca Halley

Introdução

O aumento da população, no tocante aos idosos, configura-se como fenômeno mundial no contexto contemporâneo, em face do crescimento da longevidade, da diminuição das taxas de mortalidade das populações e dos avanços tecnológicos na área da saúde (Francileudo, Rocha, Brasileiro, Lima, & Martins, 2017; Moura, & Veras, 2017; Sousa, Baquit, & Ferreira, 2019). Por conseguinte, crescem, exponencialmente, pesquisas que versam sobre o envelhecimento humano, sob os mais diversos prismas (Teixeira, Marinho, Cintra Junior, & Martins, 2015).

Mercê desse contexto, no Brasil, ganham corpo políticas voltadas a esse estrato da população, como, por exemplo, os centros-dia. Estes últimos são espaços que funcionam em período diurno e oferecem assistência especializada no cuidado ao idoso. Para tanto, tais locais dispõem de uma equipe multiprofissional, a fim de estimular os aspectos físicos, cognitivos, psicológicos e sociais, além de oferecer áreas de lazer e de

convivência (Franciulli et al., 2007). Diante da contextura apresentada, ao longo da roda de conversa, o foco da discussão incidiu sobre compreender o que levam os idosos a buscarem um centro-dia em Fortaleza/CE. Com o propósito de atingir esse objetivo, a roda de conversa contou com a colaboração de uma idosa do Clube Viva, centro-dia da cidade de Fortaleza/Ce.

Debate

O aumento do número de idosos, quer no Brasil, quer em outras partes do mundo, é realidade irrefutável. Sobreleva anotar que, em pleno século XXI, o envelhecimento do idoso vincula-se a doenças e a perdas, conforme apontado por Schneider e Irigaray (2008). Num sentido mais estreito, os estudiosos afirmam que associações negativas foram imbricadas no corpo social ao longo da história em relação a esse segmento societário. Diante dessa circunstância, a Organização Mundial da Saúde (2005) cunhou, em 2005, o termo “Envelhecimento Ativo”, que diz respeito ao processo de otimizar a saúde, a participação social e a segurança dos sujeitos que envelhecem. A palavra “ativo” faz alusão ao envolvimento dos idosos nos mais diversos campos como, por exemplo, econômico, social, cultural, civil e espiritual, não se restringindo à dimensão fisiológica (Cuenca, 2017). Em segundo lugar, Cuenca (2018) frisa que as propostas sobre o envelhecimento ativo, por certo, contribuem para abjurar a tradicional imagem negativa conferida ao idoso.

Haja vista tal cenário, ganham corpo políticas destinadas a esse universo populacional como, por exemplo, as instituições de Longa Permanência (ILPI), Centros de Convivência e Centros-dia (Costa Lima, Moraes, & Martins, 2018). Conforme os referidos autores, tais organizações apresentam facetas distintas. As ILPIS, conforme Filgueira, Halley, Costa e Martins (2018), servem de residência aos indivíduos desprovidos de cuidadores ou submetidos a condições precárias. Por sua vez, os Centros de Convivência visam a suprir demandas de idosos autônomos, que escolhem atividades de suas preferências – com local e horário definidos. Por fim, os Centros-dia destinam-se a idosos que apresentam algum nível de comprometimento e necessitam de estímulos e cuidados, para retardar doenças ou prevenir o aparecimento de novas enfermidades. Yagamuchi et al. (2018) destacam atividades que podem ser realizadas nos Centros-dia, tais como: dança, fisioterapia em grupo, informática, dentre outras.

Ao longo da roda de conversa, foi possível constatar os motivos que levaram os idosos – ou familiares – a procurarem um centro-dia, a saber: busca por companhia ou afeto; indicações externas; estimulação física; estimulação cognitiva; busca por atividades que ocupem o tempo e busca por espaço adaptado ao público idoso. Desse modo, as atividades desenvolvidas no centro-dia Clube Viva – Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Dominó, Baralho – visam ao desenvolvimento do idoso, seja físico, cognitivo, psíquico ou social, aproximando-se da proposta de envelhecimento ativo.

Considerações finais

A proposta da roda de conversa ateu-se a uma das políticas sociais concernentes ao público idoso: o centro-dia. Este último constitui um recente meio de integração e de valorização social desse contingente societário. No caso dos idosos do Clube Viva, foi amplo o leque de motivos que os levaram a procurar tal espaço - busca por companhia ou afeto; indicações externas; estimulação física; estimulação cognitiva; busca por atividades que ocupem o tempo e busca por espaço adaptado ao público idoso.

Ao final da roda de conversa, foi possível verificar que, muito mais que benefícios físicos e cognitivos, os idosos vivenciam momentos de transformações e autodescoberta no Clube Viva. Como disse a idosa, colaboradora da roda de conversa: “No centro-dia, resgatei a minha alegria com a vida”. Infere-se, portanto, que nesses locais, os idosos podem aproximar-se de seus projetos existenciais, conferindo sentido às atividades realizadas, além de atribuírem sentido a suas vidas.

Desse modo, pode-se vislumbrar, mesmo de modo preliminar, que o centro-dia proporciona possíveis vias de acesso ao ócio aos seus integrantes. Calha destacar, no entanto, que experiências de ócio podem estar presentes nas mais diversas atividades de lazer como ler um livro, nadar ou praticar dança de salão. O que determina se o sujeito vivencia ou não o ócio tem relação com o sentido por ele atribuído à atividade (Marcellino, 2007). Após as reflexões suscitadas pela roda de conversa, percebeu-se a necessidade de novas pesquisas que se debrucem sobre a temática do centro-dia, espaço ainda pouco divulgado no seio social e científico, como destacado por Yamaguchi et al. (2018).

Referências

- Costa Lima, P. P., Moraes, L. D., & Martins, J. C. O. (2018). As experiências de idosas em um centro-dia. In J. C. O. Martins, & L. L. A. Rocha (Orgs.), *No envelhecer, experimente viver: Reflexões sobre experiências potencializadoras da vida nos tempos livres da velhice* (pp.125-152). Curitiba: CRV.
- Cuenca, M. C. (2017). Potencialidades do ócio para o desenvolvimento humano ao longo da vida e sustentabilidade ao longo da vida. In J. C. de O. Martins & M. R. R. Lopes (Orgs.). *Envelhecer: tempo de (re)criar a vida* (p. 165-185). Curitiba: CRV.
- Cuenca, M. C. (2018). *Ocio valioso para un envejecimiento activo y satisfactorio*. Madrid: Editorial CCS.
- Filgueira, L. M. A., Halley, G. F., Costa, K. S. S., & Martins, J. C. O. (2018). A dança das idosas do lar de Nazaré. In J. C. O. Martins, & L. L. A. Rocha (Orgs.), *No envelhecer, experimente viver: Reflexões sobre experiências potencializadoras da vida nos tempos livres da velhice* (pp. 153-176). Curitiba: CRV.
- Franciulli, S. E., Ricci, N. A., Lemos, N. D., Cordeiro, R. C., & Gazzola, J. M. (2007). A modalidade de assistência Centro-Dia Geriátrico: Efeitos funcionais em seis meses de acompanhamento multiprofissional. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(2), 373-380. doi: 10.1590/S1413-81232007000200013
- Marcellino, N. C. (2007). *Lazer e cultura: Algumas aproximações*. Campinas: Alínea.
- Moura, M. M. D., & Veras, R. P. (2017). Acompanhamento do envelhecimento humano em centro de convivência. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 27(1), 19-39. doi:10.1590/s0103-73312017000100002
- Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde.
- Schneider, R. H., & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25(4), 585-593. doi:10.1590/S0103-166X2008000400013
- Sousa, C. C. B. de., Baquit, J. A. N. D., & Ferreira, K. P. M. (2019). A viagem a lazer como experiência (trans)formadora para idosos. *Revista Subjetividades*, 19(2), e9224. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i2.e9224>

- Teixeira, S. M. O., Marinho, F. X. S., Cintra Junior, D. F., & Martins, J. C. O. (2015). Reflexões acerca do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento*, 20(2), 503-515.
- Yamaguchi, M., Silva, J., Lins, C., Conceição, M., Oliveira, S., Camasmie, A., & Chade, L. (2018). Perfil dos Idosos do Centro-dia para Idosos “A Mão Branca”. *Revista Kairós: Gerontologia*, 21(2), 393-405. doi:10.23925/2176-901X.2018v21i2p393-405

XII Seminário Ócio e Contemporaneidade
POTENCIALIDADES DO ÓCIO PARA A RECRIAÇÃO DA VIDA:
DIÁLOGOS EM PSICOLOGIA

Fortaleza, 21 e 22 de Novembro de 2019

Anais do Evento

Mesa-redonda:

“Novos Projetos na investigação em Psicologia nos temas Ócio, Trabalho, Tempos Livres e suas transversalidades”

Expositores:

Prof. Ms. Érica Vila Real Montefusco (OTIUM/UNIFOR), Prof. Ms. Victor Aderaldo (NUTRA/UFC) e Prof. Dr. Iratan Saboia (NUTRA/UFC)

Mediador:

Prof. Ms. Zuleika Araújo (OTIUM/UNIFOR)

Iratan Bezerra de Sabóia

O presente trabalho é fruto da pesquisa de doutoramento em psicologia, teve como objetivo principal investigar os impactos da organização temporal no trabalho dos professores da UFC que ocupam cargos de gestão. Para isso delimitamos nosso universo de pesquisa aos professores-gestores que ocupam cargos de diretoria e coordenação e seus vices no Campus de Sobral, com pelo menos seis meses na função. A pesquisa se desenvolveu em quatro etapas: revisão integrativa de literatura nos portais SciELO e CAPES; entrevistas não estruturadas de levantamento do campo com análise de conteúdo; levantamento budget time, e entrevistas semi-estruturadas com análise de conteúdo.

Na primeira etapa retornaram apenas vinte textos que atendiam aos critérios de inclusão/exclusão, nela ficou exposto que há uma pequena produção nacional sobre o tema, uma produção pequena e concentrada no sudeste sobre temporalidade e trabalho docente de nível superior. Da segunda etapa construímos as categorias de análise a partir das falas dos gestores entrevistados, são elas:

1) atividade invisível, categoria que se refere a visão social daquele trabalho, são as atividades que fazem parte do cotidiano desse trabalho, mas que são desconhecidas do público em geral, fazendo a atividade laboral parecer menor (temporalmente) do que realmente é;

2) atividade naturalizada, categoria pessoal a quem desempenha o trabalho, são as atividades de trabalho rotineiras que são assimiladas a um ponto que não são lembradas como trabalho por quem a executa;

3) precarização e flexibilização: processo de diminuição de seguridade e de aumento de fluidez nos processos de trabalho (físicos, temporais ou legais);

4) intensificação do tempo de trabalho: aumento de demanda de trabalho, o que força um ritmo maior de produção;

5) colonização do tempo de trabalho: fenômeno de alargamento do tempo de trabalho que resulta na invasão dos outros tempos sociais, assim o tempo de trabalho vai tomando os espaços do tempo da família, do ócio, do lazer, etc.;

6) solvência social pelo tempo de trabalho: incompatibilidade temporal que, apoiada na centralidade do trabalho, impede ou dificulta o contato do trabalhador com outras pessoas com temporalidades de trabalho diferentes da sua.

Na terceira etapa foi aplicado um instrumento quantitativo de budget time, nele ficou evidenciado uma alta carga horária dos professores gestores; a naturalização de algumas atividades; a priorização das atividades de ensino, gestão, orientação e pesquisa e; a repetição dos mesmos professores nos cargos de gestão. A última etapa da pesquisa de campo revelou um processo de precarização e flexibilização do trabalho; uma grande intensificação; a invisibilidade de algumas atividades desses docentes; a naturalização das atividades menos significativas para eles; uma colonização do tempo de trabalho sobre os outros tempos sociais e; um esgarçamento das relações sociais em decorrência do tempo de trabalho; e a priorização das atividades: de ensino por conta do desejo desses docentes, a gestão por uma imposição do cargo e a pesquisa por conta de suas carreiras.

A pesquisa levantou que os professores gestores estão submetidos a altas cargas de trabalho; divididos entre atividades que solicitam saberes e critérios de avaliação diferentes; com trabalhos intensificados que acabam ocupando outros tempos sociais que deveriam ser destinados a outras atividades, e; que esse quadro desgasta as relações sociais incluindo as das suas famílias, resultando em possível restrição dos seus círculos sociais e agravos à saúde.

Victor Aderaldo

O estudo do tempo tem sido contemplado por diversos campos do saber tais como filosofia, religião, física, sociologia, entre outros. Essa categoria se tornou importante nas ciências sociais a partir da noção de tempo social, tendo em vista sua importância na regulação dos hábitos, valores e costumes das diversas sociedades. No séc. XVIII o tempo social predominante se tornou o trabalho, o que repercutiu na organização econômica, política e social dos diversos indivíduos que foram atravessados por essa temporalidade. Posteriormente, a flexibilização do trabalho demarcou os processos de precarização nos sécs. XX e XXI, intensificando maior fragilidade dos vínculos laborais, redução de direitos e aumento da vulnerabilidade social, considerando a reconfiguração das temporalidades e do próprio trabalho. A partir disso, o objetivo do projeto é compreender como as experiências de espaço/tempo se relacionam a produção de subjetividade dos teletrabalhadores. Serão abordados autores que estudam tempo social e aceleração, tais como Provonost, Sue, Gasparini, Munné e Rosa.

Autores que pesquisam as transformações no mundo do trabalho, tais como Aquino, Antunes, Bernardo, Coutinho, Dal Rosso, Nardi, Narval, Sato, Spink. A perspectiva teórica para abordar teletrabalho envolverá autores da psicologia e de áreas afins, tais como sociologia, direito e administração, tendo em vista a diversidade de saberes que tem contribuído com o tema. Para isso, Alves, Amador, Costa, Fincato, Macedo, Oliveira, Rocha, Rosenfield serão abordados. Sobre os processos de saúde e adoecimento laboral, autores como Grisci, Vygotsky, Bendassolli, Clot entre outros. Será realizado um estudo exploratório com o uso de métodos qualitativos e quantitativos, considerando a triangulação destes para análise. Para tanto, a pesquisa iniciará com o levantamento do perfil sociodemográfico do público pesquisado através de questionário; posteriormente serão conduzidas entrevistas semiestruturadas para compreensão de como a temporalidade e o trabalho são experimentados pelos teletrabalhadores.

Os dados serão analisados a partir da Análise Sociológica do Discurso (ASD), visando o resgate da fala dos participantes enquanto prática reflexiva contextualizada no cenário em que atuam. Após essa etapa, serão aplicadas duas escalas para analisar o contexto de trabalho e as experiências de prazer e de sofrimento laborais, que serão submetidos à análise estatística descritiva e inferencial. Desse modo, esse projeto exploratório e transversal busca colaborar no entendimento das experiências dos

teletrabalhadores, pois as pesquisas realizadas sob as categorias de tempo, de trabalho selecionadas nesse projeto ainda são insuficientes, assim como a compreensão da sociedade sobre como o trabalho é percebido e experimentado por eles.

Debate

Na modernidade, o tempo de trabalho se tornou o tempo social mais importante, subjugando outras temporalidades a ele. O discurso da produtividade e do trabalho logo se fazem presentes e centrais na subjetividade e na constituição de identidades dos homens, sendo o resto visto enquanto “perda de tempo”. Corroborando com essa ideia, Munné (1980) enfatiza que o tempo social voltado ao trabalho (tempo socioeconômico) se sobressai em relação aos outros tempos sociais. Para o autor o tempo social pode ser entendido a partir de quatro perspectivas: tempo psicobiológico; tempo socioeconômico; tempo sociocultural e tempo livre. Essa subjugação das temporalidades em relação ao tempo socioeconômico é resultado da modernidade, tendo em vista que as sociedades ocidentais se articulam em torno deste, reduzindo ou transformando outros tempos sociais, condicionando-os às necessidades do mercado.

No Brasil isso pode ser visto com as reformas trabalhistas pela aprovação da reforma do Decreto-lei 5.452 (BRASIL, 2017) em 14 de Julho 2017, quando o tempo para se alimentar no intervalo do almoço no trabalho é flexibilizado, fazendo com que indivíduos tenham que mudar seu ritmo psicobiológico para atender as demandas do capital. Horas de sono também são reduzidas para cumprir carga horária de trabalho excessiva ou para abordar outros aspectos da esfera social que foram deixados de lado por priorização do trabalho. Isso ocorreu com maior ênfase no séc. XX, pois os modelos de produção tayloristas e fordistas mecanizaram o processo de trabalho, reduzindo tempos de descanso e de pausa – considerados tempos mortos, intensificando a produção e disciplinando o trabalhador diante das necessidades econômicas (Nardi, 2006; Navarro & Padilha, 2007; Lima, Barros & Aquino, 2012).

A intensidade do trabalho passa a ser vivenciada na atividade do indivíduo ou do grupo do qual ele faz parte, visto que em um mesmo período de tempo ele precisa completar um nível de produção mais complexo, em termos de uso de energia e de capacidades para realizá-lo, assim como precisa entregar mais resultados esperados pela organização (Lima et al., 2012). Paralelo a esse cenário, existe um contexto de marketing

positivo da flexibilidade do trabalhador em modelos de autogestão (Costa, 2013), mas que tem como prerrogativa diminuição dos custos do empresariado com o trabalhador em detrimento dos direitos conquistados através do emprego. O horário de tempo integral é substituído gradativamente por horários de tempos parciais. Esse modelo flextempo, adotado em 1960 na Alemanha, se tornou globalizado e envolveu não só a redução da carga horária dos trabalhadores, mas também redução de postos de trabalho, redução de direitos trabalhistas conquistados, redução dos tempos e dos dias de descanso (Dal Rosso, 2017).

Nesse cenário de flexibilizações e novas configurações surge também o teletrabalho. O teletrabalho é definido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como aquele “efetuado distante dos escritórios centrais ou das oficinas de produção”, e no qual os trabalhadores “mantêm-se conectados com alguns de seus colegas por meio das novas tecnologias” (Aderaldo, Aderaldo & Lima, 2017). Tal desenho do trabalho se desdobra em desterritorialização dos espaços tradicionais do trabalho, principalmente no setor de serviços. Paralelamente, pode-se pensar na multiplicidade de práticas de dominação em relação aos teletrabalhadores: primeiramente pelos mecanismos de reterritorialização do controle dos trabalhadores, que passa ocorrer de forma remota; além disso, pode-se pensar nas práticas discursivas de dominação, pois são disseminadas ideias de que estes seriam diferentes por serem mais confiáveis, mais flexíveis, autônomos, entre outros (Costa, 2013).

Desse modo, as organizações transferiram ao indivíduo o custo subjetivo de lidar com essa flexibilidade que lhe foi confiada pela organização, uma vez que a competitividade e o individualismo afirmados durante o séc. XX imprimiram ao trabalhador a responsabilidade pelos sucessos e fracassos no trabalho (Nardi, 2006). Concomitante a flexibilização, observa-se o isolamento do profissional e o enfraquecimento dos laços sociais do trabalhador para mobilizações coletivas (Rohm & Lopes, 2015). A realização das atividades de trabalho em casa traz o afastamento do teletrabalhador do espaço de interação social das organizações (Costa, 2013), assim como o alienam dos coletivos de trabalho que são importantes na construção da subjetividade e da identidade. Permeados pelos discursos de entrega e das competências individuais e organizacionais, muitos teletrabalhadores introjetam ideais contemporâneos de serem “empreendedores de si”, em que é necessário se superarem, se dedicarem e se desenvolverem diante das necessidades da organização (Costa, 2013). A partir disso, tem-

se como pergunta de partida: como as experiências de espaço/tempo se relacionam a produção de subjetividade dos teletrabalhadores?

Considerações finais

O isolamento social, a sobrecarga de trabalho a partir da intensificação de atividades com o uso das tecnologias, a extensão da jornada de trabalho, a desterritorialização do trabalho, o controle remoto do teletrabalhador e a confluência de temporalidades e de trabalho são questões que podem emergir durante a pesquisa. Dessa forma, dentre os resultados esperados, busca-se desvelar os processos de precarização e adoecimento que são percebidos pelo pesquisador como presentes na atividade dos teletrabalhadores, mas que são invisibilizados frente ao discurso de autogestão pregados tanto por trabalhadores quanto por empresários. Nesse sentido, a partir da contribuição da pesquisa, outros estudos poderão ser conduzidos para aprofundar as questões de adoecimento laboral e sofrimento psíquico dos teletrabalhadores.

A perspectiva é desnaturalização do discurso e das práticas operadas pelas organizações que terceirizam os custos objetivos do trabalho, tais como internet, alimentação, energia, assim como desnaturalização dos custos subjetivos, tais como isolamento social, falta de reconhecimento, desterritorialização, entre outros. Além disso, com o estudo dos processos de teletrabalho poderão ser repensadas formas de operacionalizá-lo, tendo em vista os cuidados necessários para evitar questões de adoecimento desses trabalhadores.

XII Seminário Ócio e Contemporaneidade
POTENCIALIDADES DO ÓCIO PARA A RECRIAÇÃO DA VIDA:
DIÁLOGOS EM PSICOLOGIA

Fortaleza, 21 e 22 de Novembro de 2019

Anais do Evento

Mesa-redonda:

“Psicologia e Literatura – a experiência literária e o acesso ao mundo”

Expositores:

Profa. Ms. Dauana Cavalcante e Profa. Ms. Angela Vasconcelos

Mediador:

Prof. Ms. Marlo Lopes

Leitura compartilhada: um convite às trocas afetivas

Dauana Cavalcante

O ato de contar histórias é praticado há séculos pela humanidade. Somos envolvidos por narrativas até mesmo antes de nascermos, desde aquelas transmitidas nos encontros familiares ou escolares às notícias de rádio, televisão e internet. Somos sujeitos feitos de linguagem.

Necessitamos nos comunicar e, às vezes, utilizamos metáforas para reescrever a realidade, ou mesmo para responder a algo relacionado aos medos e/ou anseios sobre questões sociais e políticas. Fantasiar faz parte da constituição do sujeito — como bem diz Maria Teresa Andruetto (2012, p. 54), recorreremos “[...] à ficção para tentar compreender, para conhecer algo mais acerca de nossas contradições, nossas misérias e nossas grandezas, ou seja, do mais profundamente humano”.

Daí também o encantamento das crianças por ouvir histórias, incluindo as narrativas que estão nos livros literários. Mas, num tempo em que as pessoas estão sempre apressadas e comprometidas com atividades laborais, mães e pais apresentam muitas dificuldades para lerem com os seus filhos. Quem, hoje em dia, para e lê para os outros?

Tirar o relógio do pulso, desligar o *smartphone* e realizar uma leitura compartilhada em família aproxima as pessoas, que podem comungar sentimentos. Isso humaniza os sujeitos. Tudo para, porque alguém vai ler uma história. É momento de olhar nos olhos. Mas, para muitas mães e muitos pais essa tarefa não é nada fácil, por uma série de questões, entre as quais, a inabilidade com crianças ou até mesmo o preconceito com o brincar, o fantasiar, que, culturalmente não é permitido aos adultos, como Freud aponta em *O poeta e o fantasiar* (1908),

A brincadeira infantil foi dirigida por desejos, na verdade por um desejo, aquele que ajuda a educar a criança: o de se tornar grande e adulta. As crianças sempre brincam de “ser grande”, imitando na brincadeira o que se tornou conhecido delas, da vida dos grandes. Elas não têm nenhum motivo para esconder esse desejo. Já o adulto é bem diferente: por um lado, sabe que se espera que ele não brinque mais ou que não fantasie mais, mas que aja no mundo real e, por outro lado, que sob suas fantasias se produzem muitos desejos que, de qualquer modo, devem permanecer necessariamente ocultos; por isso, se envergonha de suas fantasias como coisas de crianças e proibidas (FREUD, 1908).

Ler junto é aconchegante. Por vezes, é um momento na cama, no sofá, na varanda ou na rede. As pessoas se aproximam. Trocam sorrisos, olhares. Dessa forma, desde muito pequenas, as crianças ensaiam sobre cumplicidade, confiança. Mas numa troca de olhar? Sim. Exatamente. O afeto se constrói também pelo não dito.

Não esperemos lição de moral de um livro destinado à infância. Isso afasta leitores. Agora, quando o diálogo não é possível, por algum motivo, os livros podem ser um bom recurso às famílias. Assuntos mais delicados à crianças e jovens — como divórcio, medo, violência — podem vir à tona por meio de belas metáforas, incrivelmente apresentadas pelos artistas das palavras e das imagens em livros ilustrados. Celso Gutfreind (2010, p. 99) nos coloca que “[...] no espaço da fantasia, podemos nos recolher sempre que a realidade estiver intolerável”. Daí a gente precisar de arte e ninguém suportar o real o tempo inteiro.

A leitura compartilhada pode ser um rico momento de trocas afetivas. Diversos sentimentos são trabalhados entre adultos, crianças e jovens quando se destina tempo à experiência da leitura de um livro.

As potencialidades do ócio para a experiência literária e para a recriação da vida: um aprendizado com Adélia Prado e Manoel de Barros

Angela Vasconcelos

O convite para participar deste evento partiu de Dauana Vale, amiga com quem eu tenho a alegria de compartilhar essa mesa. Somos colegas psicólogas, mas nosso encontro na vida se deu pela literatura. No meu caso, pensando já a partir do contexto deste momento, posso dizer que o encontro com Dauana se deu porque eu buscava uma maneira de usufruir do ócio num momento da vida em que o que eu menos tinha era tempo livre.

Diante do anúncio de um curso de escrita criativa, *inventei* um tempo livre e fui atrás de criar coisas numa escrita diferente da que eu fazia no campo da universidade. Desde então, criamos um coletivo de escritores, fizemos encontrar os tempos livres de mais 15 pessoas, publicamos três coletâneas de contos e estamos produzindo histórias, poesias, narrativas, etc.

Ao ser provocada a escrever algo sobre a experiência literária num evento sobre ócio, eu me vi pensando sobre que relação poderia haver entre a escrita literária e o ócio, sem, contudo, encontrar de imediato uma questão que eu pudesse apresentar em um trabalho na academia. Primeira dificuldade: conheço pouquíssimo sobre o tema ócio, o que poderia me levar a produzir equívocos conceituais. Segunda dificuldade: como articular ócio e experiência literária, especialmente, a experiência da escrita?

Recentemente, a partir de um projeto deste coletivo de escritores, fui convocada a escrever um conto para uma coletânea que estamos preparando. Quando os prazos de entrega dos contos chegavam ao fim, me peguei explicando aos colegas do coletivo que o que me impedia de escrever desta vez não era falta de tempo, era falta de inspiração mesmo. Pronto, apareceu o tema para que eu escrevesse para cá.

A partir desse ponto, surgiram algumas questões: O que me impede de escrever? Há um talento nato para a escrita e eu não o tenho? Há uma inspiração que aparece assim do nada? E os escritores “de verdade”, de onde tiram a vontade de escrever?

É importante lembrar que o interesse de por que e como os escritores criam é uma pergunta antiga dos leigos que atravessou Freud. Em 1908, no texto *O poeta e o fantasiar*, Freud perguntava de onde o poeta extrai seus temas e como ele consegue comover e despertar emoções nos leitores.

Neste texto, encontra-se uma espécie de teoria geral sobre a criação literária, articulando-a com o brincar infantil e o devaneio (ou sonho diurno). Para Freud, o brincar, o fantasiar e o criar têm a mesma fonte e a mesma função. Além disso, deste texto apreende-se que todo homem teria a capacidade poética de criação: ao sonhar (dormindo ou acordado), o homem cria uma narrativa, composta de imagens e palavras; ao brincar, a criança cria seu mundo próprio, comportando-se como um poeta. Nesta perspectiva, uma das funções da criação poética é proteger o homem da realidade, é oferecer um conserto da realidade a fim de suavizar os efeitos da tragicidade da vida pela beleza do ato criativo.

Quanto à fonte da criação poética, esta é uma das principais questões que Freud apresenta neste trabalho: de onde o poeta extrai os seus temas para inventar tantos mundos? Embora não responda de forma definitiva a esta indagação, Freud entende que é de suas próprias vivências que o poeta retira o material que vai desembocar no ato criativo, mas a partir de uma modificação produzida pela fantasia. Ao transformar em palavras suas fantasias, o escritor consegue transformar em coletiva uma fantasia que era individual e produzir nele próprio um apaziguamento de tensões psíquicas e uma experiência prazerosa no leitor.

Há muitos escritores, a maioria talvez, que falam de seus ofícios de escrever como um trabalho, que envolve disciplina, regularidade, frequência, esforço. Numa postura de quase recusa do papel superior da inspiração em suas produções, se referem à sua produção em concordância com a famosa frase atribuída a Picasso: “a inspiração existe, porém tem que encontrar-se trabalhando”.

Nesta inquietação sobre o meu próprio processo de escrita e convocada a pensar sobre este tema para este evento, recorri a dois poetas que tem em comum uma produção com intervalos consideráveis e um modo de vida distante do modelo da lógica produtiva que afeta até mesmo os artistas. Estou me referindo a Adélia Prado e Manoel de Barros.

Certa vez ouvi de um comentador da biografia do poeta Manoel de Barros, que ele “comprou o ócio para escrever poesia”. Isto se refere ao fato de o poeta ter abdicado de todas as formas de trabalho que lhe apareceram após receber, por herança do pai, uma fazenda no Pantanal, para onde se mudou e foi viver de poesia. Na abertura de seu *Livro sobre nada*, ele escreveu (1996, p. 7):

O que eu gostaria de fazer é um livro sobre nada. Foi o que escreveu Flaubert a uma sua amiga em 1852. Li nas *Cartas Exemplares* organizadas por Duda Machado. Ali se vê que o nada de Flaubert não seria o nada existencial, o nada

metafísico. Ele queria o livro que não tem quase tema e se sustenta só pelo estilo. Mas o nada de meu livro é nada mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludos, etc etc. O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora.

Adélia Prado, ao mesmo tempo em que é conhecida como a poeta do cotidiano, disse em várias entrevistas que foi afetada por uma espécie de “secura criativa”. Em entrevista ao programa Roda Viva em março de 2014, refutou que a famosa alcunha não seria particularidade sua, posto que, segundo ela, todo poeta é um poeta do cotidiano e que o tema de que toda poesia fala é a perplexidade de existir, o assombro da existência. Comparando a poesia à filosofia e à religião, Adélia apontou que as três tratam das mesmas perguntas: o que eu sou, de onde eu vim, para onde eu vou? Cabe a cada um desses saberes, responderem de um modo próprio.

Voltemos agora ao tema gerador desta minha fala, qual seja, a relação entre ócio e escrita literária. Gostaria antes de apontar para certo tensionamento entre utilidade e ociosidade que é tão próprio do nosso tempo, em que produção e criação têm relação direta com atividade. Em pesquisa rápida para esta apresentação, compreendi que ócio tem mais relação com experiência que com atividade. O que esta reflexão e minha experiência de escrita literária têm me mostrado é que estamos pouco afeitos a capturar o que o ócio nos pode oferecer como potencialidade de criação (e de recriação da vida, como anuncia o tema deste evento). É preciso de tempo para escrever. Mas é preciso estar presente no tempo de ócio. É preciso estar disponível para olhar para as coisas, observar o mundo, escutar os sons. Tempo livre não parece suficiente se não for vivido com plenitude, inteireza e gozo, como faziam os gregos. Ou como os poetas:

Para comer depois

Na minha cidade, nos domingos de tarde,
as pessoas se põem na sombra com faca e laranjas.
Tomam a fresca e riem do rapaz de bicicleta,
a campainha desatada, o aro enfeitado de laranjas:

‘Eh bobagem!’

Daqui a muito progresso tecno-ilógico,
quando for impossível detectar o domingo
pelo sumo das laranjas no ar e bicicletas,
em meu país de memória e sentimento,
basta fechar os olhos:

é domingo, é domingo, é domingo.

(PRADO, 2015, p. 532)

Ou, ainda, como as crianças, sempre atentas à eterna novidade do mundo, ao cotidiano espanto com a vida. Aliás, cabe aqui uma reflexão sobre a infância contemporânea e o ócio, quando a palavra “tédio”, em tom de reclamação, tem circulado tão amiúde entre as crianças. Ainda cabe ócio na vida, na experiência das crianças?

O poeta do Pantanal se propôs a escrever como uma criança brinca. No poema *Arte de infantilizar formigas*, do livro já citado, é a *desutilidade* que ganha destaque:

As coisas tinham para nós uma desutilidade poética.
Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso dessaber.
A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos com palavras.
O truque era só virar bocó.

(BARROS, 1996, p. 11)

Lembremos que Freud apontou que “o poeta faz algo semelhante à criança que brinca: ele cria um mundo de fantasia que leva a sério, ou seja, um mundo formado por grande mobilização afetiva, na medida em que se distingue rigidamente da realidade”. (1908/2015, p. 54)

É entre seriedade e brincadeira, portanto, que nasce um rico mundo subjetivo. É preciso, por suposto, um tanto de desutilidade no brincar, no sonhar, no criar. *Desutilidade*. É através de Manoel de Barros que me aproximo do conceito de ócio. *É domingo, é domingo, é domingo*. É com Adélia Prado que aprendo o valor do ócio. Para a escrita, para a vida.

Referências

- Andruetto, M. T. (2012). *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato.
- Barros, M. (1996). *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record.
- Freud, S. (1908/2015). O poeta e o fantasiar. In S. Freud. *Arte, literatura e os artistas – Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Gutfreind, C. (2010). *Narrar, ser mãe, ser pai*. Porto Alegre: Artmed.
- Gutfreind, C. (2014). *A infância através do espelho: a criança no adulto, a literatura na psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.
- Prado, A. (2015). *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Record.

XII Seminário Ócio e Contemporaneidade
POTENCIALIDADES DO ÓCIO PARA A RECRIAÇÃO DA VIDA:
DIÁLOGOS EM PSICOLOGIA

Fortaleza, 21 e 22 de Novembro de 2019

Anais do Evento

Mesa-redonda:

“Psicologia Junguiana: formação e experiência clínica em Fortaleza-CE”

Expositores:

Prof. Ms. Júlio Guedes (UFC), Prof. João Vicente Menescal (IPREDE) e
Profª. Ms. Rita Rodrigues Rebouça (CAPS/Icapuí)

Mediador:

Prof. Dr. José Clerton Martins (UNIFOR)

Júlio Guedes

Introdução

Jung postula que a doença mental é a melhor condição da mente humana diante da realidade. A mente adoece para preservar sua própria psique, sua própria sobrevivência. A depressão está ligada à regressão em seus aspectos regenerativos e enriquecedores. A energia psíquica volta-se para o próprio indivíduo em um processo forçado de introversão. A energia introjetada que permanece represada precisa ser consumida no sofrimento, na dor, na angústia e, até mesmo, na apatia. Em relação ao segundo movimento, Jung adota um modelo do sistema psíquico como um sistema entrópico, no qual a energia deveria ser distribuída por todo sistema nervoso central de forma equânime. Nem sempre a depressão é encarada como uma enfermidade. No mais das vezes, é o melhor estado da mente humana diante de situações estressantes. Ante a possibilidade de desorganização mental, a psique opta pela depressão.

Psicoterapia Analítica: Este modelo leva o paciente a compreender as causas e o sentido da depressão. Busca não só o porquê do sofrimento; busca também o para quê. Na análise junguiana, o paciente precisa compreender a necessidade de reformular suas atitudes perante a vida cotidiana. Acordar para as próprias necessidades; reconciliar-se com o biorritmo próprio; encontrar o sentido da vida para dar vazão à energia represada, criar uma rotina para si mesmo e cumpri-la; encontrar formas saudáveis para expiar as próprias culpas, sejam reais ou imaginárias.

A análise junguiana é um relacionamento dialético de longo prazo, no mínimo dois anos de duração. Consiste em um trabalho dirigido para a investigação do inconsciente do paciente, seus conteúdos e processos, a fim de aliviar uma condição psíquica sentida como problemática para a vida cotidiana, posto que já interfere nas relações, no trabalho, na administração do tempo e, até mesmo, nos estudos do paciente. A depressão pode ser neurótica ou psicótica. Embora tenha sempre como ponto de partida a queixa do paciente, a análise procura envolver a história de vida, o presente e o futuro dentro do contexto da pessoa analisada. O analista, busca compreender o sintoma apresentado dentro do processo de individuação vivenciado pelo sujeito.

Estudo de caso de depressão com tentativa de suicídio

Na Teogonia de Hesíodo, o principal Erote: Eros, seria dois deuses: O primeiro seria um deus primordial nascido do Caos; O segundo mais novo, seria filho de Afrodite, jovem e travesso, que atira flechas de amor aleatoriamente nas pessoas. Afrodite era descrita na maioria dos mitos, já nascendo adulta grávida de Eros e Himeros; Em outra versão, ela teria tido os Eroles com Ares.

Eros: Principal Erote, é o deus do amor inconsequente, da união, da afinidade que inspira ou produz simpatia entre os seres, para os unir em outras procriações. Anteros: deus da desilusão, ordens, manipulação, amor correspondido e não-correspondido, é antítese de Eros, sendo o deus da antipatia, da aversão, que desune, separa, desagrega. Tão forte e poderoso quanto Eros, Anteros impede que se confundam os seres da natureza dissemelhante. Himeros: deus do desejo sexual. Pothos: deus da paixão.

Anteros na Depressão

Paciente próximo dos 40 anos, casada, dois filhos adolescente, mudou para cidade recentemente, sem vínculos na cidade, durante o carnaval toma uma taça de vinho com veneno (chumbinho) durante um jantar com os filhos e marido presenciando.

Paciente é socorrida a tempo e encaminhada ao CAPS geral para atendimento. Visivelmente transtornada, porém medicada a ideia de se matar ainda estava bastante presente. As primeiras sessões foram de silêncio cáustico. Havia uma raiva no olhar, um desapresso por tudo em volta. Estava sendo trazida ao CAPS pelo marido e havia uma vigilância da família. Paciente foi aos poucos ficando mais à vontade com o passar das sessões.

Durante o segundo mês de psicoterapia a paciente confessa que ainda possui um saco de veneno (chumbinho) escondido em casa que ninguém encontrou e que altas horas da noite, quando todos dormem, ela vai ao veneno e beija o saco de veneno (beijo da bela adormecida ao contrário). A família foi avisada, porém o veneno não foi encontrado. Paciente nunca revelou o local em que estava escondido.

Durante o processo psicoterapêutico, a paciente foi se sentindo ouvida e aceita e finalmente depois de 05 meses em psicoterapia e tomando vários psicofármacos chegou na estabilidade de humor para conseguir falar sobre a tentativa de se matar (consequência de um processo depressivo). Ela descobriu que estava sendo traído pelo marido com a vizinha (amiga da família recém-chegada na cidade). Falar sobre a decepção no casamento, fez com que o casamento fosse repensado. Havia grandes questionamentos que ela não queria fazer a si mesma e nem ao marido. A depressão / suicídio foi uma passagem a ato de uma situação simbólica. A mulher que foi esposa até aquele momento, deveria morrer (mudar/transformar) para uma outra mulher ocupasse o lugar.

A psicoterapia analítica ajudou nesse processo de ressignificação de seu papel na vida como um todo, não apenas dentro do casamento. A medicação foi tirada aos poucos e como consequência, Anteros foi aos poucos sendo transformado em Nêmesis, a deusa da Vingança Divina. A paciente fez uso da própria medicação para dopar o marido impedindo de ir ao encontro da amante. Usou a frustração como arma para atingir a vizinha/amante. Quando a vizinha foi até sua casa para descobrir o que aconteceu, encontrou a paciente em toda sua fúria. E sua passividade culposa e o medo de perder o marido não mais existiam em sua psique.

O processo psicoterapêutico foi finalizado depois de 01 ano de trabalho, e no final do tratamento psicoterápico a paciente trouxe o saco de veneno e entregou ao analista. Como um símbolo que o verdadeiro veneno estava resolvido em sua vida.

Debate

A Depressão será um dos transtornos mentais mais predominantes no mundo, tomando ares de epidemia. A psicologia analítica vê a Depressão como uma forma de escolha de preservação da psique diante de um mundo estressante e normativo. A psicoterapia cada vez mais precisará ter bons instrumentos para auxiliar no processo da vivência da depressão. Os psicofármacos têm seu papel dentro desse processo de superação da Depressão. Porém não há como superar esse transtorno sem auxílio da psicoterapia. A experiência demonstrou que é possível se recuperar da depressão e ressignificar tentativas de suicídio. O trabalho com Anima/Animus no contexto psicoterapêutico, uma escuta empática e a criação de um vínculo analista-paciente em que o paciente se sente seguro. Os profissionais da psicologia estão prontos para o aumento de casos de depressão alertado pela Organização Mundial da Saúde? Numa sociedade que está adoecendo em um ritmo cada vez mais rápido, temos como dar suporte a todos de forma igualitária?

Considerações finais

O manejo da depressão através da abordagem junguiana, envolve um profundo estar com o paciente e uma profunda compreensão que o desejo de morte pode se esconder um desejo de mudança e não um desejo de autodestruição. Os símbolos que emergem do processo de depressão podem dizer muito do que estar para ser transformado e ressignificado na psique do paciente. Cabendo um cuidado ao fazer a leitura simbólica da fala do paciente.

Dançar com Jung requer antes de mais nada, muita escuta e uma paciente com o tempo do outro.

Rita Rodrigues Rebouça (CAPS/Icapuí)

Introdução

Os sonhos, como manifestação da força vital, podem expressar e transmitir mensagens específicas e oportunas, ajudando quem sonha na resolução de seus dilemas, no seu desenvolvimento psicológico. O projeto Morpheus nasceu do desejo de entender o simbolismo das doenças na psique do paciente. Nosso trabalho com os sonhos iniciou no Hospital Universitário Walter Cantídio, da Universidade Federal do Ceará, quando resolvemos realizar uma pesquisa sobre os sonhos dos pacientes internados para tratamento quimioterápico no setor de hematologia, que tinham que dormir no hospital. O trabalho consistia inicialmente em avaliar o relato do sonho dos pacientes que eram gravados e depois transcritos e buscava-se compreender a impressão que o paciente tinha sobre os elementos do sonho e os afetos correlacionado a esses elementos. Nesse momento começamos a pesquisar os sonhos como uma ponte entre o psíquico e o somático, uma forma de podermos acompanhar a intervenção médica e os símbolos oníricos que eram associados pelo paciente à doença que sofriam.

Desenvolvimento

Para Jung, o sonho é uma auto representação espontânea, em forma simbólica, da situação do inconsciente; por isso, começamos a estudar uma maneira, através da ferramenta da imaginação ativa, de ajudar os pacientes a buscarem uma compreensão mais profunda sobre a situação que estavam vivenciando.

Foi possível observar uma íntima conexão entre determinados símbolos dos sonhos que estavam associados, de alguma forma, à doença enfrentada pelo paciente.

Passaremos a relatar uma série de três sonhos de um paciente que havia sido internado para tratamento de leucemia. No primeiro dessa série de sonhos, ele relatou um sonho recorrente que remetia a um filme com um famoso personagem hollywoodiano, o filme *O Exterminador do Futuro*. Sempre que esse personagem onírico surgia em seus sonhos, eles fugiam e se escondiam. O sonho expressava conflito e perseguição e a situação de confronto estava sendo sugerida pelo Inconsciente.

No segundo sonho, em uma outra simbolização, mas na mesma temática de luta e confronto, o paciente se via em um sonho a perseguir alguém e atirava para matar. O fugitivo era atingido, caía e ele se aproximava para verificar quem era – e então descobria com surpresa que atirara nele mesmo. Era ele o perseguidor e era o fugitivo. E havia atirado em si mesmo.

No terceiro sonho, ele estava em um estádio onde acontecia um jogo de futebol e, após marcar um gol, saía do jogo antes deste terminar. E quando isto acontecia, a plateia gritava para ele voltar. Entretanto, mesmo com a insistência e vibração da plateia, ele se recusava a retomar o jogo. O sonho remete à sensação de algo inacabado.

Para Jung, o sonho é uma auto-representação espontânea, em forma simbólica, da situação do Inconsciente (Jung, 2011). A abordagem Psicossomática da doença considera que esta é uma representação psíquica de fatos, emoções e conflitos onde o sintoma de adoecer pode ser considerado uma expressão extrema.

Considerações finais

Os sonhos, como expressão da força vital, são dotados de propósito e transmitem mensagens específicas e oportunas. Nossa intenção, ao investigar os sonhos e correlacionar com a doença, é proporcionar um maior entendimento e compreensão do símbolo da doença na psique do paciente.

Referências

Jung, Carl Gustav. (2011). *O Eu e o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

XII Seminário Ócio e Contemporaneidade
POTENCIALIDADES DO ÓCIO PARA A RECRIAÇÃO DA VIDA:
DIÁLOGOS EM PSICOLOGIA

Fortaleza, 21 e 22 de Novembro de 2019

Anais do Evento

Espetáculo:

“Graça”

Graça é um trabalho que resultou do encontro das coreógrafas Andréa Bardawil e Graça Martins, por ocasião do edital Rumos Itaú Cultural Dança, em 2010, em busca de realizar uma pesquisa cênica em comum. Partindo de trajetórias distintas, cultura popular e dança contemporânea se alinhavam e se fortalecem nas práticas cotidianas de ambas. Do encontro, entre diálogos e conversas gravadas ao longo de seis meses de trabalho, uma pequena mostra das inquietações que atravessam os modos de fazer, resquícios de inquietações que permeiam o corpo e as práticas em dança contemporânea e nas danças tradicionais. O que guarda o corpo dos que dançam? De que afetos somos capazes nesse exercício de aproximação? Acordar em nós uma simplicidade despreziosa – que não implica em gratuidade – é do que se trata aqui. O espetáculo *Graça* estreou em 2010, e já circulou por mais de 20 cidades brasileiras, a convite de mostras, festivais e com o apoio do Itaú Cultural.

Direção: Andrea Bardawil

Performance: Bailarina Graça Martins

XII Seminário Ócio e Contemporaneidade
POTENCIALIDADES DO ÓCIO PARA A RECRIAÇÃO DA VIDA:
DIÁLOGOS EM PSICOLOGIA

Fortaleza, 21 e 22 de Novembro de 2019

Anais do Evento

Mesa-redonda:

“Diálogo aberto sobre sensibilidades em resistências ou sobre as narrativas que um corpo carrega”

Expositores:

Prof. Dra. Leônia Teixeira (PPGP/UNIFOR), Prof. Ms. Heráclito Aragão (Instituto Dédalus) e Prof. Dr. Tancredo Lobo (URCA)

Mediador:

Prof. Dr. José Clerton Martins (UNIFOR)

Leônia Teixeira

A arte do corpo, a arte no corpo, a arte perpassando o corpo e o construindo: um corpo outro que se diz por “dançar é colocar alegria no teu corpo”. O corpo como sujeito-objeto-sujeito múltiplo põe sua marca em tudo o que é suscetível no cotidiano, constituindo traços de memória visceral, de corpo encarnado. A experiência corpórea surge como terreno da vivência subjetiva, daí podermos afirmar que o indivíduo faz história no seu corpo, que o corpo é o suporte carnal dos registros da memória. As elaborações artísticas que me foram possíveis através da coautoria de GRAÇA extravasam a fragmentação, a unidade do corpo humano e as duplicações de identidade, como as tentativas de metamorfosear o corpo em um processo de negação do ideal antropomórfico, ou seja, a genealogia do corpo que subsidia o imaginário do corpo impossível.

As relações do corpo não se resumem às possibilidades da anatomia, rompendo as fronteiras da disciplina, do controle e das identificações narcísicas, interrogando as

noções de espelho e de duplo, situando-se no campo do excesso, do que escapa ao representacional. Experiências que se constroem em GRAÇA nos oferecem interrogações contundentes sobre a constituição de identidades e de ideais, bem como a riqueza semântica das técnicas do corpo que não se acomodam facilmente aos nossos imaginário e gramática subjetivos. Elas colocam em xeque as fronteiras entre o masculino e o feminino e entre as peculiaridades étnicas, ressaltando o infantil constituinte da subjetividade.

Experimentar o corpo, ou melhor, constituir-se pelas práticas corporais que desafiam o cenário arquitetônico subjetivo nos demanda reflexões acerca dos lugares do corpo na cultura contemporânea e suas vicissitudes. O corpo em constante metamorfose instaura modalidades de relações consigo e com o outro que se situam nos campos ético e estético, já que o inscrevem no espaço do virtual e do devir, possibilitando que toda relação seja indicada pelo corpo do outro, constituindo, assim, uma relação de estranheza, de esgueire e de equívoco. Quando corporeidades se constroem no exercício da estetização que perverte os possíveis da moral cotidiana, o inusitado é desafiado, os limites dos usos corporais ditados pelas éticas tecnocientífica e artística convencionais são ultrapassados, adotando o corpo silhuetas, molduras, sombras e movimentos não comodamente apreendidos.

As metamorfoses que se delineiam no corpo em exibição atualizam os desafios à finitude e, paradoxalmente, escancaram o impossível da imortalidade, através de cantigas de roda, de beliscões da lagarta-pintada que marcam o espaço moebiano do corpo, no qual vida e morte, laços intergeracionais se confundem em experimentações pelo corpo devir de Graça Martins e Andrea Bardawil, constituindo um corpo outro. A arte como espaço de experiências subjetivas, de transgressões do tempo cronológico cotidiano.

Corpo que carrega histórias

Tancredo Lobo

Um paradoxo atravessa o corpo: é uma das mercadorias mais valorizadas e desvalorizadas do mercado. É imensa a indústria de produtos e serviços baseada na corpolatria, desde a academia até a implantação de peças eletrônicas, passando pelas cirurgias plásticas. O corpo que atende aos ditames do mercado é mais valorizado que qualquer racionalidade, pois, como gostam de repetir o chavão, “agrega valor”. A outra

face do paradoxo é a desvalorização do corpo-objeto, conseqüentemente um corpo-dejeto, descartável. Principia com a alienação do corpo, da corporalidade, da sexualidade, ainda na infância. E segue ao longo da vida. O corpo escondido, tímido, deformado, enfim, um corpo que não dança. O desvalor escraviza, marca e demarca, utiliza e estraçalha o corpo fragmentado. Compra-se no mercado do corpo a possibilidade de uso e abuso do corpo erotizado. Também por isso, os ditadores não dançam. Eles “não podem voar”, como adverte Ednardo.

Ocupando um lugar equidistante desse paradoxo, o corpo é um *locus* sagrado. Lugar de sensibilidade e resistência. Fluxo de tensão, o corpo dialoga com as histórias que carrega e os passos da caminhada pela vida, por isso, quanto mais esperança mais impulso para caminhar. Eis por que o corpo desempenha esse papel de ferramenta de resistência, em que se expressam beleza e destroços. Todos os corpos têm uma estética, sua própria beleza, às vezes distante dos padrões esquemáticos dos modelos de mercado, pois a estética de carne e sentido do corpo não desfila em passarelas nem faz fotos tratadas para propaganda. Mesmo assim, o corpo carrega e se desfaz permanentemente de seus destroços, suas toxinas, seus esquecimentos, quando o corpo erra o passo da dança e volta a ganhar flexibilidade e graça. Pode restar uma cicatriz.

O corpo que dança faz parte desse estado de irrepetibilidade comovente que se manifesta no aqui-agora, como um presente sagrado, dedicado àqueles que contam suas biografias de sentidos, em que memórias se misturam com sonhos, tecendo um segredo, por isso sagrado, decifrado por aqueles outros que se deliciam com o corpo em gesto e brincadeira.

O corpo é um campo de batalha política. Em que, uma vez sentida a intenção, se dança como escudo e lança. E, mesmo aberta a ferida, mantém o tônus e a maciez dos tecidos de sentido, feito trama de afetos costurada. Uma política talvez longe dos palácios, porque entretida entre volteios de saudade boa e desejo de voltar para casa.